

DOS PRIMEIROS CONTATOS COM A JUSTIÇA E AS PRISÕES EM *INFÂNCIA, DE GRACILIANO RAMOS*

Luciana Araujo Marques (UNICAMP)¹

Resumo: Esta comunicação se propõe a apresentar uma interpretação de *Infância* (1938-1945), de Graciliano Ramos, a partir da noção de desamparo freudiana e da identificação da construção literária do “escritor”, seus desdobramentos e ética, nestas memórias, assim como do confronto entre o mundo da criança (e suas figuras de poder na família, na escola etc.), e o do adulto, numa sociedade patriarcal no limiar da abolição da escravatura e da proclamação da República, mas também no contexto de sua escrita, que se dá pós-cárcere.

Palavras-chave: memória; Graciliano Ramos; prisão; desamparo

Esta comunicação parte de minha pesquisa de doutorado em andamento *De pitombas e penas: desamparo e desdobrar do escritor em Infância de Graciliano Ramos*, que tem como proposta uma interpretação destas memórias do alagoano, tendo em vista figurações do desamparo² como trauma por meio de uma investigação do desdobrar retrospectivo do escritor como personagem de si em relação ao já experimentado formalmente em sua produção romanesca, mas a fazer às vezes de uma espécie de “gênese” do escritor e de sua ética aflorada na meninice como construção literária. E se opto por “gênese” e não “formação” é para ressaltar o artifício e criação presente em toda ideia de origem, de gênese. O resultado é uma obra com elevada elaboração formal e marco fundamental no conjunto graciliânico, de modo que o atestado autobiográfico próprio do gênero escolhido (a memória) em vez de autorizar justificativas simplificadoras, como mera causa e consequência, ao enlaçar passado e presente, problematiza ainda mais o entroncamento entre tempos e suas apreensões.

Se em *Infância* o desamparo se dá no confronto entre o mundo da criança e o do adulto e suas figuras de poder (na família, na escola, na igreja, entre outros meios e

¹ Graduada em Jornalismo (Cáster Líbero), mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP), doutoranda do Departamento de Teoria e História Literária da Unicamp. Contato: araujo.lu@gmail.com.

² O desamparo (*Hilflosigkeit*), fragilidade também inerente à linguagem, ao literário, torna-se ao longo da obra de Sigmund Freud uma lição política rumo à afirmação de liberdade frente aos vínculos verticais – a partir dos quais ele pensa o social. Movimento, a meu ver, que pode ser identificado na obra de Graciliano independentemente da noção freudiana, mas que aqui se soma e visa contribuir para um possível debate teórico que tem como centro o texto de Graciliano Ramos. Essa aproximação justifica-se na medida em que o individual se dá em estreita relação com a estrutura pulsional da vida em sociedade, problemática que Graciliano conjugou em sua obra sem dicotomias, e dos quais Freud buscou extrair consequências para visadas sobre a cultura e a crítica a um estado de coisas, para além de uma clínica e do indivíduo deitado no divã vienense, e que, de nossa parte, será preciso o tempo todo estar atento para as especificidades brasileiras e as temporalidades diferenciais. É, de fato, um risco que se assume.

espaços a que o menino tem acesso), numa sociedade patriarcal no limiar da abolição da escravatura e da proclamação da República, com seus sujeitos e sujeitados, nessas memórias ele é inerente ao tempo de sua escrita, que se dá, não por acaso, pós-cárcere, sob o Estado Novo e a atmosfera da Segunda Guerra. Escritos que dizem, sob essa perspectiva, do desamparo que é também o do adulto consciente de seu momento histórico – tempos de totalitarismos e de suas arbitrariedades como norma em continuidade com o passado.

A partir do presente da escrita dessas memórias, mas também da publicação de alguns de seus capítulos na imprensa brasileira e portuguesa entre 1938 e 1945,³ se buscará analisar como o tempo da enunciação (do escritor consagrado, então funcionário do Estado que o encarcerara) convoca as reminiscências, o tempo do enunciado (dos primeiros contatos com a “justiça”) e formaliza uma temporalidade que resta como latência autoritária em um gesto político de teor testemunhal não só em seu nome, mas de uma coletividade até então calada que a obra busca representar e dar voz via irmanação no desamparo como possível força paradoxal, tamanha a fragilidade frente aos poderosos, aos detentores das armas, das leis e de seu arbítrio.

Graciliano Ramos nasceu em 1892 no Nordeste brasileiro, pouco depois da abolição da escravidão (1888) e da proclamação da República (1889), de modo que em *Infância*, como sugere o título, o escritor narra episódios de seus primeiros onze anos – contexto fundamental de sua descoberta do mundo e da história do país. Entretanto, o dizer desse infante, etimologicamente o que não fala, em meio ao “império da voz alheia” (BOSI, 2013), não se restringe ao autobiográfico em um plano individual, nem a tais limites no tempo e no espaço. Se o eu que narra é o que assina a autoria na capa, é o próprio Graciliano Ramos quem atesta também uma espécie de despersonalização ao afirmar em entrevista concedida ao periódico *Vamos ler!*, em 1945, por ocasião do lançamento de *Infância*, que tudo aquilo [as memórias] buscava representar um universo vivenciado pelas crianças de classe média de sua terra, portanto, experiência lastreada pela cultura nordestina dos filhos de proprietários decadentes (pobre diabo).

Uma primeira relação que se pode estabelecer entre presente e passado em *Infância* é a de continuidade estrutural, marcada por violência, medo, opressão,

³ A partir de pesquisas realizadas em arquivos, como o do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), Márcia Cabral da Silva (2004, p. 188-192) cita no anexo II, conforme manuscrito de Graciliano, que as prováveis datas de composição seriam: três em 1938; quatro em 1939; dois em 1940; quatro em 1941; nove em 1942; sete em 1943; dez em 1944. Ao todo, 27 deles foram publicados na imprensa entre 1938 e 1944, em periódicos do Rio de Janeiro e de Lisboa.

despotismo patriarcal e escravocrata. Os modos e meios de violência e injustiça contidos nas narrativas apontam para uma temporalidade própria do traumático, em sentido que não se restringe ao psicologismo do termo, mas que diz de um presente recorrente, dinâmica de repetição histórica e social, ainda que permeadas pelo embotamento do hábito e o apagamento de detalhes.

Não será possível aqui, tecer uma análise mais detalhada a partir do léxico do cárcere, da violência, dos representantes do poder, das instâncias judiciais e da anomia que alicerçam as memórias de infância de Graciliano Ramos, tão contrárias ao paraíso perdido e idílico de tantas outras memórias (comparação que será trabalhada na minha tese com Drummond, José Lins do Rego, entre outros), mas gostaria de apontar pelo menos alguns exemplos das remissões à experiência do confinamento em *Infância*, chamando a atenção para a eleição das palavras e metáforas construídas por aquele que saiu recentemente do cárcere não metafórico – o que de modo algum sugere a mera alegoria, mas justamente uma sobreposição das diferentes temporalidades.

Destaquemos, por exemplo, o capítulo “Vida Nova”, que vem logo depois de “Chegada à vila” e “A vila”, que marcam a mudança da família Ramos da fazenda Pintadinho para a vila de Buíque, no sertão de Pernambuco, portanto passando da zona rural para um ambiente mais urbano, onde as casas se amontoam na paisagem agora mais estreita. Nele sabe-se que o menino Graciliano e suas irmãs são impedidos de sair de casa, brincar com as demais crianças: “Vivíamos numa prisão, mal adivinhando o que havia na rua, **enevoada** longos meses” (RAMOS, 2012, p. 61). A temporalidade arrastada, tempo que não passa, essa longa duração própria da infância, também sugere ainda a suspensão do relógio e calendário cotidianos, imposto pelo cárcere, o que é um dos aspectos que será analisado.

Chama a atenção o fato de que apenas no capítulo seguinte, nomeado “Padre João Inácio”, a palavra “liberdade” desponte na narrativa referindo-se a uma espécie de expansão que se dá dentro da casa da família, nesse espaço em que as crianças seguem presas, uma vez que acompanhamos via o testemunho do narrador a sala convertida em celeiro: “o nosso ambiente se alargava de chofre, adquiriríamos *liberdade*. As sementes se derramavam [...] formavam uma ladeira, que subíamos até alcançar as janelas” (RAMOS, 2012, p. 66-67). Janelas, portanto, aberturas para o mundo exterior.

A algazarra da criançada, entretanto, com tamanha liberdade era assombrada: “Contudo uma sombra nos toldava a alegria: a recordação do vigário. Na cozinha e na

sala de jantar pintavam-no terrível, uma espécie de lobisomem criado para forçar-nos a obediência” (RAMOS, 2012, p. 67).

A palavra “liberdade” será novamente mencionada apenas alguns capítulos adiante, não à toa, em “Leitura”, no contexto de uma manhã “funesta” em que o menino descobre a existência de cartilhas, nomeadas pelo pai de “armas terríveis” (RAMOS, 2012, p. 109), a que ele poderia ter acesso. “Não me sentia propenso a adivinhar os sinais pretos do papel amarelo?”. Questão que deixa o menino ressabiado: “A liberdade que me ofereciam de repente, o direito de optar, insinuou-me vaga desconfiança. Que estaria para acontecer?” (RAMOS, 2012, p. 110). “Condenaram-me à tarefa odiosa” RAMOS, 2012, (p. 111).

“Liberdade” também é palavra mencionada sob suspeita no capítulo imediatamente seguinte – “Escola”. Quando o narrador nota um período de trégua em relação à leitura, também chamada de “escravidão imposta arditosamente” (RAMOS, 2012, p. 111), ele afirma: “Achava-me *aparentemente* em liberdade”, não que não lhe assalta-se um “desassossego, aterrorizava-me a lembrança do exercício penoso” [...] “uma corda me apertava a garganta” (RAMOS, 2012, p. 113).

Em “José da Luz”, o personagem que dá nome ao capítulo é um soldado conhecido que costuma frequentar a loja do pai, onde o menino é colocado de castigo. “O castigo moderado, além de inculcar-me as regras de bem viver, tinha o fim de obrigar-me a vigiar o estabelecimento” (RAMOS, 2012, p. 104) [...] Impedido de sair e brincar com outras crianças ele refere-se duas vezes ao tempo passado no local como “prisão”: “Durante a prisão, lembrava-me desses exercícios com pesar” (RAMOS, 2012, 104); “Por fim não me limitava, na prisão, a inventar fantasmagorias [...]”. Esse capítulo tem a seguinte abertura: “Para reduzir-me as travessuras, encerrar-me na ordem, utilizaram diversos elementos: a princípio os lobisomens [...] em seguida a religião e a polícia, reveladas nas figuras de padre João Inácio e José da Luz”.

Portanto, José da Luz figurava entre as autoridades que “temi e admirei de longe”. (RAMOS, 2012, p. 101). Segue-se toda uma análise comparativa entre o perfil dos policiais e a singularidade de José da Luz, afinal, o menino já aprendera que a generalização era um erro, na hermenêutica das Pitombas. Além de amigo, conclui tratar-se de um anarquista.

Já o enfoque torturante do aprendizado da leitura se expande para todas as dimensões sociais as quais o menino tem acesso: “a família nuclear, a vizinhança, as pessoas que dispõem de poder, as suas vítimas e os mortos” (BOSI, 2013, p. 94). A

noção contida na afirmação que encerra o capítulo “O cinturão” paira sobre todo o livro: “Foi esse o primeiro contacto que tive com a justiça” (RAMOS, 2012, p. 37), onde “justiça” refere-se à falta dela e no pacto com o leitor implícito também se chama a atenção para a experiência máxima com esta “justiça” que é a prisão do próprio Graciliano Ramos sem qualquer julgamento. Haverá um segundo, terceiro, sempre primeiro contato com essa mesma injustiça sofrida, no universo do menino, no do adulto, nos dos infantes que representa para além daquele recorte histórico dos primeiros anos de vida.

A descoberta do mundo nessa ordem patriarcal violenta se dá de modo fundante nas relações familiares e seus ditos e não ditos, não apenas nas escolares, com seus livros detentores da palavra correta, ainda que delas nem sempre se apreenda o sentido exato, porque a exatidão não diz do primeiro contato, como não diz do que se rememora ainda que incontáveis vezes.

Percorre-se o tempo todo, nessa dupla temporalidade, espaços de incisivas lições. Na casa que habita toda lembrança, que é a sua própria corporeidade, a que abriga o menino que foi, mas também aquele que foi encarcerado, mesmo que num agora liberto, os pais “conservavam-se grandes, temerosos, incógnitos. Revejo pedaços deles, rugas, olhos raivosos, bocas irritadas e sem lábios [...] dois seres que me impuseram obediência e respeito” (RAMOS, 2012, p. 15). Partes que dizem, via olhar metonímico de menino alinhavado pelo adulto, de toda uma narrativa marcada pelo medo (“Foi o medo que me orientou nos primeiros anos. Pavor” (RAMOS, 2012, p. 14).

Preso em Maceió sem qualquer acusação ou julgamento formal no dia 3 de março de 1936, Graciliano Ramos só foi libertado no dia 13 de janeiro do ano seguinte. Nesse período de onze meses de detenção, esteve em três presídios. Primeiro foi embarcado para Recife, depois levado ao Rio de Janeiro no porão do navio *Manaus*. Em terras fluminenses, o escritor alagoano ficou encarcerado na Casa de Detenção, no centro da capital, ao lado de outros presos políticos e, mais tarde, transferido para a Colônia Correccional de Dois Rios, na Ilha Grande, junto aos ditos presos comuns. Ao ser colocado em liberdade, dedica-se entre outros escritos, como *Vidas secas* (1938), à *Infância*, como já destacado. Os volumes de *Memórias do cárcere* só serão publicados postumamente, em 1953, ano da morte do escritor, tendo sido escritos mais de dez anos após os acontecimentos narrados. Se nas memórias, as do cárcere, a prisão é metonímia do país, a infância de Graciliano surge como metonímia dessa prisão, mas também da prisão metáfora da realidade. Há, portanto, nessa construção, os resíduos eleitos do que

já passou, afetando o modo de ver o presente, mas também o presente afetando o modo de ver o passado e o que ainda está por vir e precisa ser enfrentado a partir da experiência.

A despeito da proximidade máxima de quem tem no empirismo um imperativo, caso de célebre de Graciliano,⁴ observa-se em sua memorialística uma perspectiva temporalmente distanciada para a reconstrução literária. Há o cultivo da decantação do vivido e das palavras (tantas vezes fragmentos, silêncios, enumerações e associações) antes de deitá-los no papel. A memória, lugar da experiência e “arma dos vencidos” (BASTOS, 1998, p. 32), surge também como estratégia narrativa. O esforço de rememoração se confunde com o da escolha léxica, que arquiteta espaços e talha seres, corpos e suas partes. A memória, recoberta de um lirismo contido e irônico, ao mesmo tempo, estranho ao lírico, porque não ressoa com o mundo, mas justamente com ele se confronta, formaliza duras experiências, onde estética e ética não se dissociam.

O processo de alfabetização retratado em *Infância* se dá como primeira aproximação penosa com a cultura, em consonância com o axioma benjaminiano presente nas teses “Sobre o conceito da história” (1940): “Nunca houve um documento da cultura que não fosse simultaneamente um documento da barbárie” (BENJAMIN, 2012, p. 245). A escola “era horrível – e eu não podia negá-la, como negara o inferno. Considerei a resolução dos meus pais uma injustiça. Procurei na consciência, desesperado, ato que determinasse a *prisão*, o *exílio entre paredes escuras*” (“Escola”; RAMOS, 2012, p. 118-119, grifos meus). Não à toa, em *Infância*, Graciliano afirma ainda: “Não há prisão pior que uma escola primária do interior” (“Os astrônomos”; RAMOS, 2012, p. 206). Mas é sabido que, para Graciliano, a palavra passará de pena (castigo) à outra pena (instrumento de escrita), a que se converte em arma e, até certo ponto, manifestação de liberdade em relação às amarras desse meio originário (o do menino e o do adulto sob um estado totalitário).

O capítulo “Astrônomos”, por exemplo, termina tal mote de literatura como missão, não necessariamente voluntária, pois *aprisiona*, em outro sentido, no lugar de um eu atravessado pelo outro: “Os astrônomos eram formidáveis. Eu, pobre de mim, não desvendaria os segredos do céu. Preso à terra, sensibilizar-me-ia com histórias tristes, em que há homens perseguidos, mulheres e crianças abandonadas, escuridão e animais ferozes” (RAMOS, 2012, p. 210).

⁴ “Nunca pude sair de mim mesmo. Só escrevo o que sou”, disse Graciliano em entrevista a Homero Senna (SENNA, 1978, p. 55).

Qual a pena por essa abertura à alteridade? Uma das respostas pode ser encontrada, entre outras, no capítulo “O moleque José”: “concluiu a punição transferindo para mim todas as culpas do moleque. Fui obrigado a participar do sofrimento alheio” (RAMOS, 2012, p. 91).

A dificuldade de entender certo as palavras, situação evocada várias vezes em *Infância*, se de um lado causa graça, de outro, também diz de uma infância com pouco lugar para brincadeira. As observações lógicas e céticas do menino, em uma obsessão com a verossimilhança, digna do autor que se tornará (mas que sabe que já se tornou), e o uso recorrente do recurso da interrogação escancaram o universo irracional dos adultos (dos poderosos?). Nesse sentido, Jeanne Marie Gagnebin, no ensaio sobre *Infância berlinense: 1900*, memórias de Walter Benjamin, faz observações apropriadas para se pensar também as de Graciliano. Segundo ela, há na mediação dessa percepção infantil a revelação de uma

verdade política da presença constante e subterrânea dos vencidos, humilhados, que a criança por sua pequenez, percebe na pálida luz dos respiradouros [...] ou nas figuras das bases das estátuas e das colunas de vitória [...]. Verdade que atrapalha e que é reforçada por uma outra incapacidade infantil: a de não entender “certo” as palavras, estes mal-entendidos que nem sempre são engraçados; Benjamin lhes consagra páginas extraordinárias e insiste no acesso privilegiado à linguagem que a criança ainda tem, pois, para ela, as palavras não são primeiro instrumentos de comunicação, mas, sim, “cavernas” a serem exploradas ou “*nuvens*”. (GAGNEBIN, 1999, p. 82; grifo meu)

“Nuvens”, a propósito, é o título do primeiro capítulo de *Infância* e remete aos mecanismos das memórias, que se formam, se deformam, se desfazem em aspectos diversos e que nos escapam, nunca estáticas, nunca aprisionadas em forma qualquer. As nuvens ilustram algo sobre o caráter de resistência presente no ato de narrar, visto que as palavras podem ganhar novos significados e formas em um dado presente. “Em boa hora aprendi a me disfarçar nas palavras, que de fato eram nuvens” (BENJAMIN, 2013, p. 101), cito mais uma vez Benjamin para refletir Graciliano. Em análise desse capítulo, Ieda Lebensztayn destaca lições aprendidas pelo menino sobre diferenças e semelhanças entre as palavras, os seres e as coisas, lições também sobre a violência e de resistência a ela via literatura:

Em “Nuvens”, surgem a primeira aula de be-a-bá por ele ouvida, o erro fecundo de *chamar laranjas de pitombas* e a historieta contada por sua mãe sobre o menino vingativo. Nesse capítulo, a condensar o percurso de *Infância*, delineiam-se as enormes dificuldades e os ganhos raros que formaram Graciliano, no aprendizado de distinguir as letras, as palavras, as frutas, as coisas, as pessoas, as metáforas, a violência e a possibilidade de mediação pela literatura. (LEBENSZTAYN, 2010, p. 331, grifo meu)

Gagnebin mostra que a diferença do tempo em Marcel Proust e em Benjamin se dá em relação ao destino do sujeito narrativo. “Em Proust, ele é salvo pela realização de sua vocação artística enfim reconhecida; em Benjamin, pela realização da ação política, isto é, paradoxalmente, pelo retraimento do ego perante as exigências da luta social”; “ampliação do sujeito às dimensões sociais e psíquicas subjacentes” à vida singular de um menino (GAGNEBIN, 1999, p. 76 e 90). No caso do brasileiro, interessa atentar justamente para a conjugação entre a vocação artística reconhecida e a realização da ação política formalizada na construção de uma memória pessoal que se volta ao outro.

Referências bibliográficas

Memórias de Graciliano Ramos

RAMOS, Graciliano. *Infância* [1945]. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Memórias do cárcere* [1953], dois vol, 32^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Geral

BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do cárcere: literatura e testemunho*. Brasília: UNB, 1998.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”; “A imagem de Proust”; “Experiência e pobreza”. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7^a ed., Obras escolhidas, v. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. *Rua de mão única; Infância berlinense: 1900*. Ed. e trad. de João Barrento. Belo Horizonte/São Paulo: Autêntica: 2013.

BOAVENTURA, Cristiana T. “*Viver em paz com a humanidade inteira*”: *Infância, de Graciliano Ramos, e a construção de si*. São Paulo: FFLCH-USP, 2013. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira).

BOSI, Alfredo. *Céu, inferno*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- _____. *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- COSTA, Mário Eduardo. *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta, 1999.
- FREUD, Sigmund. *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1910). In: *Obras completas*, v. 9. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia as Letras, 2013.
- _____. *Recordar, repetir e elaborar* (1914). In: *Obras completas*, v. 10. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia as Letras, 2010a.
- _____. *Totem e tabu* (1912-1913). In: *Obras completas*, v. 11. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia as Letras, 2012.
- _____. *Além do princípio do prazer* (1920). In: *Obras completas*, v. 14. Trad. de Paulo César de Souza. Companhia as Letras, 2010b.
- _____. *Autobiografia* (1925); *A negação* (1925). In: *Obras completas*, v. 16. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia as Letras, 2011.
- _____. *Inibição, sintoma e angústia* (1926); *O futuro de uma ilusão* (1927). In: *Obras completas*, v. 17. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia as Letras, 2014.
- _____. *Mal-estar na civilização* (1930); *Por que a guerra?* (carta a Einstein, 1932). In: *Obras completas*, v. 18. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia as Letras, 2010.
- _____. *O homem Moisés e a religião monoteísta* [1939]. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. SP: Imago, 1997.
- _____. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- _____. “Documentos da cultura /documentos da barbárie”. *Ide*, v.31 n.146. São Paulo jun. 2008. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000100014#1a>. Acesso em jul. 2016.
- _____. *Limiar, aura e rememoração*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- GARBUGLIO, José Carlos et al. *Graciliano Ramos*. São Paulo, Ática, 1987.
- LEBENSZTAYN, Ieda. *Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do Inferno e os meninos impossíveis*. São Paulo: ECidade, 2010.

- LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite e outros ensaios*. SP: Duas Cidades/Editora 34, 2004.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet*. BH: UFMG, 2008.
- OLIVEIRA, Vera M. M. F. L. A. *O bezerro encourado ou as terríveis armas: uma análise de Infância*. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 1978. (dissertação de mestrado)
- RAMOS, Gustavo Adolfo. *Angústia e sociedade na obra de Sigmund Freud*. Campinas: Unicamp, 2014.
- RAMOS, Ricardo. *Graciliano Ramos: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992.
- RIBEIRO, Gustavo Silveira. “Abertura entre as nuvens”: *uma interpretação de Infância, de Graciliano Ramos*. São Paulo: Annablume, 2012.
- SALLA, Thiago Mio. *Fio da navalha: Graciliano Ramos e a revista Cultura Política*. São Paulo: ECA-USP, 2010. Tese (Doutorado em Comunicação).
- SENNA, Homero. “Revisão do modernismo”. In: BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.